



Foi no chapadão extenso que chanfra as cumeadas da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás, em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e aprumar-se para abrir leito ao remansado Pamaíba.

Passava como peregrino por aquelas paragens ermas, tão cheias de soledade e de beleza, cuja contemplação levanta o espírito à indagação dos grandes problemas cosmogônicos.

O vento cabrioleava pelas Campinas solitárias, carregando panos de neblina, que se afunilavam, estendiam-se em amplos mantos de arminho roçagantes, ou vojavam ao longe, na comissura do horizonte, quilo branco albornozes numa escapada de cavaleiros do deserto.

Pelas freixas dos morros, cingindo-os, bordando os vales, em cujo fundo se espregulçavam pauls sonolentos, o burizal erguia suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes, que se afiguravam malestoso portal de pedras lírias.

Aí, neste quadro grandioso, em que tudo era majestade e pujança na natureza, deparou-se nos caminhar singular, mofo e raquítico, mal coberto por um esburacado chapéu de palha e uns farrapos de algodão encardido, que estavam a calhar naquela pele chela de fividez.

Era uma pobre criatura incompleta, insexual, nem menina, nem homem, cujo rosto chupado tinha uma expressão de contrastadora alegria, nos lábios descarnados que nem podiam se unir, nos olhos pequenos e admirativos que nos aguardavam como a coisas exóticas.

- Um bandeiral! bandeiral! - gritou o mísero, e, espigando-lhe a estatura exíguas, levantou a cabeça, abrindo os braços em menção de quem quer abraçar. De seu magro pescoço desceram sobre a pele do peito adusto e arrepanhado rosários e bentinhos.

- Tá lá o bandeiral! - acabou assim de exprimir o que queria dar a conhecer ao viajor, que eu era, pela mesma menção do abraço, e apontou, depois, para a freixa do morro onde balouçavam as frondes do burizal. Tinha visto um grande tamandú. Depois deu uma gargalhada e continuou pela estrada afora, tartamudeando palavras, cortando-as com risadas extravagantes, que mais pareciam vezes animais.

Acompanhei vagarosamente aquele ente mirrado, tão contente na sua insciência, tão forte na sua nenhuma força, que mais se amulava diante da natureza pujante e infinita que o circundava.

Perdizes plavam tristemente pelo campo, chorando o tempo em que viveram nas matas, onde abandonam os frutos e cantam as frotas cristalinas. Conta a lenda que daí as expellram as Jaés numa guerra cruel, cuja memória umas e outras conservam no seu ple lamento ou no involuntário desafio.

Mudo, no meio do escampado, e compadecendo daquela miséria humana, eu seguia com os olhos os movimentos daquele ente sem ventura, inquietando por que motivo as feras o haviam poupado em suas montanhas ou os coriscos no meio das tempestades.

Foi então que o idiota, dando pulos de contente, mostrou no meio da molta um casal de pequenas perdizes quase impitimes, pipilando, batendo uma na outra os cotos das asinhas.

O ninho estava desamporado à beira da estrada e também o tinham poupado as enxurradas, em torrentes nesse tempo de grandes chuvas, e as raposas em sua ronda da noite.

Também os mesquinhos e desamparados encontram caridoso acolhimento no seio largo da natureza infinita.



Ninguém pode, ninguém que tenha alma sensível aos espetáculos da natureza ou à poesia das eras já mortas, poderá deixar de recolher-se, de concentrar-se em fundas cogitações ou em carováveis devaneios, ao vingar a grande vértebra do Espinhaço e seguir por ela agora, numa estrada que lembra aquela outra de quatrocentas léguas feita no Peru, sob os Incas.

Lá no alto, a gente sente-se meio desprendida da terra e - não sei se por alguma lei psicológica - o espírito se alarga e o segulho aumenta à proporção das eminências vencidas - o certo é que um frenesi de subir, de arrancar das nuvens o segredo de alguma coisa estranha se apodera de nós; a muitas vezes humilde e fatigada montaria se transforma em hipogrifo e estamos já a correr o risco de uma queda pelo despenhadeiro, quando os ventos estovados nos arrebatam o chapéu brutalmente, punindo-nos por os termos surpreendidos lá onde eles encaixam uns aos outros, como alegres folhéis, brincando em liberdade, ou concertam à socapa as temerosas investidas.

Então; os olhos vêem; e quem Xavier de Maistre chama simplesmente de Ela, desce à mansão habitual e consente que os sentidos transmitam as impressões do exterior.

A princípio, uma sensação de vácuo, uma idêia de páramo nos confunde e atemoriza; depois, uma sinfonia estranha, ouvida vagamente, vinda de longes ignorados, nos acaricia os nervos, arrepiando levemente a pele; pouco a pouco, as coisas exteriores vão tomando uma forma, quase ideal ainda: o perfil de uma montanha longínqua mal se esboça, confundida com a desfilada de um exército, de bandeiras desfaldadas, com elefantes em marcha, cobertos de chapeis pendentes e bambalins de ouro. A vegetação dos morros distantes parece as cerdas arrepeçadas de algum monstro e as cascatas, serpentes enormes de dorso luzente, que vão descendo precipitosamente a deslizar-se no rio que corre embaixo.

Mas um cavaleiro assoma num cotovelo da estrada; o gado que pasta ali por perto se assusta e foge; os gaviões que voavam baixo libram-se aos ares; uma centena de passarinhos, animados pelo número, os escarmentam a bicadas, e o cavalo relincha ao avistar o outro.

A fantasia despede-se de nós; foge na asa do gavião que frecha os ares à confirmação dos passarinhos.

- Como vai, amigo?

- Bom, para o servir, patrão.

- Ainda que mal pergunta, não estaremos errados? É este o caminho do arraial?

- Estrada batida, meu patrão; não tem errada; é seguir toda a vida.

- Adeus! Obrigado.

- Não seja por isso. Até a vista, se Deus quiser.

Um toque nos chapéus e esporas nos cavalos; os cavaleiros se afastam para lados opostos. Um cigarro aceso e umas fumaças puxadas à cadência da marcha pela estrada.

Logo depois, a cavalgada começa a vacilar num terreno pedregoso, de pedras roliças.

A estrada corre à meia encosta e, de um lado e de outro, vê-se a natureza convulsionada: enormes penhas escuras, espalhadas a cavaleiro do caminho, parecem avançar ameaçadoras; algumas já rairam no meio do horroroso fracasso e outras caminham lentamente, para ganhar impulso que as precipite no algar, ao fundo. Pequenos troncos enfezados, retorcidos, parecem em desespero aos aproches da luta pavorosa. Nas suturas das rochas, pelas brachas dos lançantes, escorrem telmosos fios d'água, que vão delindo a rigidez dos blocos e filtrando-lhe no lmo a fúria com que arremetem uns contra os outros.

- Pobres troncos enfezados que debalde vos contorceis de angústia na previsão de vosso próximo estraçalhamento! Em vão clamais socorro na vossa compostura trágica e muda! Ninguém vos arrancará daí. Quem mandou o vento trazer o górmem de que saístes? Quem vos mandou agarrar-vos à vida tão tenazmente, e espalhardes as raízes e as mergulhardes no subso e caçardes, com mil bocas famélicas, no fundo dessa terra ingrata, um posco de selva para essa vida masquinha?

Os liquens e os fetos bravos riem-se das pobres árvores amedrontadas; trepam pela escama dos penedos, agarram-se a eles como insetos daninhos e viçam e triunfam e desafiam a ira dos pétros monstros, certos de que, ainda quando esmagados, crescerão de novo, de novo receberão oervalho da noite.

A estrada vai tombando aos poucos. Os selos roliças aumentam e os filetes d'água, recando, fugindo, contornando esta pedra, vingando essoutra depois de formarem poças, vão se ajuntando aos poucos para fazerem as nascentes dos grandes rios.

- Quanta perseverança, quanto obstáculo vencido, que trabalho insano, incalculável, pequeninas gotas, para vos reunirdes aos poscos permeando as grossas camadas de terra, tecendo - animalculos invisíveis - uma trama delicada e bem composta, que vai enredando cada vez mais compacta, até que o último terço se dilua e possa cantar ao sol o hino glorioso de uma vitória tão bem pelejada! É de ver-se então e murmúrio alegre com que os regatos se formam e as fontes claras rotolçam, pompeando ao sol o seu dorso prateado!

Prodigiosa força de atração que chama de cá e de lá aquelas duas células imperceptíveis e as vai levando até ao oceano, onde, mais tarde, quem sabe se o sol não as vai buscar, cheias de saudades dos montes e da luta!

Neste ponto a montaria, bufando, procura um chaferiz de compridas lajes de pedra afincado no barranco da estrada. Lê-se uma inscrição:

MDCC...
Governando estas minas
Dom...
O fez
Por munificência del-rei
E bem
Dos
Povos da Capitania

Eis-nos chegados ao fundo da bocaína.

Na encosta activa, chamafotando o verde do capinzal, caarinholas de paredes barreadas soflam pelos suspiros do talhado ténues colunas de fumo. As bananeiras abrem suas palmas, onde meiros negros afinam as gargantas para uma entusiástica overture. Uma mancha de um verde mais tenro denuncia as terras cultivadas e as plantações. Vamos nos acercando e dosobrimos lá, curvados sobre a terra fofunda, uma fila de ensadeiros.

Cantam.

Que toda sentida! Também sofrem esses homens robustos, sob cujas mãos a terra generosa se desentranha em frutos e para quem os meiros modulam seus trinos?

Pombo do alto seu vulto
Centro do melho acenando;
- O gavião se fibulou,
Lá estava dentro comand

Mas estranha estranheza
Dentro do peito batido,
Da lá do alto do talho,
E certo ampolo de Marul

De repente, passavelho,
Tal azas e penas tal,
De lá do alto das aves
Gavião vai te contar?

Mas estranha que soar
Que high que os acenando...
Tal vinda gavião
E certo a poltronal

Al malum ei gavião
Daí me um outro comand

O ritmo choroso magoeu-me o peito e eu entrei a clamar...

Súbito, chãres, pípias e plos estridentes dão-me acórdio de mim; e eu vi nos ares, fugindo arremangado ao posseado em chusma, o gavião traçoiteiro.

As avezinhas, aos centos, esvoaçavam sobre o abutre, bem ao alto, no azul...

Vingavam-se, os sequeninos...



Ela era pequenina e sem mãe.

Seu pai, ocupado na labuta da roça, não lhe dava bastante atenção. A única pessoa que tinha para ela um carinho era um negro velho, gago, hortaleiro da casa.

Pela manhã, sua madrasta a despertava aos tapas, fazendo-a correr, de lábios raxos e mãos entanguladas, para o rego abaixo do engenho, onde, sentadinha todo o dia, descascava a mandioca e a tufultava n'água.

Quando não era isso, era então o serviço do ralo, junto do qual ficava segurando as raízes de mandioca, que o cilindro dentado rola aos poucos.

Quanta vez, meio entorpecida de cansaço e cabeceando de sono, não foi despertada por um dor fortíssima, e arregalava os olhos contemplando a mão ensangüentada, jorrando o sangue do polegar que sustentava a raiz, ora esburgada pelo ralo?

Escondia logo a ferida, tomando o curativo dolorosíssimo com limão quente que sua madrasta espremia sobre a chaga viva.

E como sopitava os soluços por que não percebessem que estava machucada, continuando a faina entre dores mais pungentes, pois eram curtidias em alfinetes!

Uma vez em que o negro velho a viu assim trêmula, engolindo lágrimas, tingindo de rosa a pele abriíssima da mandioca, parou comovido, dizendo baixinho:

- Nhanhãzinha, eu fiz uma promessa a S. Benedito, ele se apega com Jesus: não de ter dó de Nhanhãzinha.

Isto passou-se e ela prosseguiu seu martírio, todo o dia, toda a hora, e ninguém punha termo a esse fundo sofrer.

Seu papai almoçava e jantava na roça; e, quando ele voltava à boca da noite, a pobre menina tinha de mostrar-lhe cara alegre. Nem era bom pensar em dizer-lhe tudo porque sua madrasta era capaz de enterrá-la viva. Quem vivia então defendê-la? Seu papai vivia sempre fora e o colado do negro não podia valer-lhe num momento desses.

Mas Jesus gostava das orfaninhas sofredoras, dos pequenos esmulbados e cheios de frio.

Ela se lembrava de um grande quadro dependurado na parede da sala, em que Jesus era representado no meio das crianças, carregando algumas que pareciam doentinhas e alisando com meiguice os cabelos de outras, nuatas e travessas.

Cada vez que passava junto do quadro, olhava-o a furto, reparando esquivo pelas portas de onde pudessem surpreendê-la. Certificando-se de que não era vista, esguardava-o então longamente, com o olhar afilto gritando preces, cujas palavras ela ignorava.

Que inveja lhe causavam alguns pequerruchos rolando na areia sob o olhar compassivo das mães!

No dia seguinte a uma noite mal dormida, cheia de pesadelos em que saltara três vezes da cama, transida de medo, por ter visto em sonho umas figuras de homens negros, com a pele do corpo semelhante à pele hispida dos bodes, a menina não pôde suportar a tarefa.

Por volta do meio dia, seu corpo se dobrava, sua testa batera mais de uma vez na quisa de uma portada e seus olhos, como que cheios de areia, não sofriam a luz intensa do dia. Então, horrorizada com a iminência de castigo, determinou fugir para bem longe, onde sua madrasta não pudesse achá-la mais.

Se bem pensou, melhor o fez.

Devagarinho, fingindo-se ocupada em descobrir algum objeto perdido, foi se afastando...

Logo abaixo do engenho, num charvalcal de assapelas, numa trilha estranha, caminho dos bicosos soltos, fugia, espalhando-se em mil ramos, d'aqui e d'aquê.

Cobrando alento com a esperança da fuga, correu como ave alivada sem barulho pelo charvalcal afora.

Adiante, tendo andado muito, tocou numa ribeira bulbanta, correndo angustiada entre fragas.

O terreno se abria limpo de mata: só à margem da ribeira umas árvores enfezadas, cheias de musgos, de casca esverdeada e rugosa, rebentavam dentre freixos rolhões, esbugalhando-se.

Vencida de fadiga, a menina deitou-se à sombra de uma árvore e adormeceu.

Começou a sonhar que uma moça bela, de olhos muito azuis, lhe pusera a cabeça no colo e afagava-a delicadamente por não despertar a adormecida.

Sentiu pouco a pouco um frescor dulcificante o ar; uma grande sensação de alívio deram-se-lhe pelo ser o antegozou a certeza de que era livre, de que nunca mais sofreria, de que doravante teria asas como os passarinhos e como estes cantaria ao nascer do sol e comeria grãosinhos do chão ou frutos das árvores quando tivesse fome.

E continuou a sonhar enquanto a moça, brincando-lhe com os cabelos, partia-os, enovelava-os, torcia-os ou os enrolava em alta colça sobre o cocuruto.

De repente sentiu uma dor agudíssima no alto da cabeça: a moça enterrara aí um alfinete mágico.

Quando tornou em si, era uma rola brava, cujas penas a moça encantada ora arrufava, ora alisava com os dedos finos.

Depois, bateu asas e galgou montes, atravessou rios, em vôo rápido - infundamente alegre e feliz que se sentia em voar e ser livre...

Suas penas tomaram uma cor tirante a amarelo, chumbadinha, diferente da cor das rolas pardas ou pedresas.

Passando nas touceiras do bambual, começou de arruñar com ternura. Depois, voou para junto do engenho onde trabalhava outrora, quando revestia a forma de uma menina. Aí, ou ciscava sobre a canjiquinha de milho atirada aos pintalhões, ou remexia os escálculos de pedra, à beira o rego.

- Não vistas já, nos bandos das rolas bravas, uma tão diferente na cor, tão magoadas no gemido?

É a rola encantada.

Antes dela, as rolas trilavam como os inhambus da capoeira; foi ela quem lhes ensinou a gemer quando contava seus sofrimentos às companheiras enfermeçadas.

Dai para cá, quando o gado da porta se recolhe aos currais mugindo ao dia morrente; quando se abatem no remanso dos rios os marrecos selvagens, retouçando ao frol das águas - as rolas gemem junto dos engenhos contando os sofrimentos da menina sem mãe.

E há sempre entre elas uma que parece mais sofredora e magoada...

VIDA:

Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em Paracatu, cidade situada no oeste do sertão mineiro, próxima a Goiás, em primeiro de maio de 1868, e morreu em Barcelona, na Espanha, em 19 de fevereiro de 1916, das complicações de uma cirurgia da vesícula biliar.

Foi o primogênito do juiz de direito, deputado e, no período republicano, senador estadual, Virgílio Martins de Melo Franco e de sua esposa Ana Leopoldina. A tradicional família a que pertencia se compunha principalmente de grandes proprietários de terra, criadores de gado, juristas e médicos. Além dessas atividades, seus membros sempre tiveram ativa participação na política brasileira.

Desde menino, Afonso se acostumou a viajar pelo sertão, tanto pelas mudanças de comarca do pai juiz, quanto pelos passeios que fazia para visitar os parentes. Essas viagens eram feitas em tropas compostas por dezenas de animais de sela e carga, com todo o pitoresco das longas marchas, com as paradas para alimentação e descanso nos ranchos e pousadas da beira de estrada. Pode ter nascido aí seu fascínio pelo sertão e pela vida do sertanejo, interesse genuíno, que marca toda a sua obra, e que nunca o abandonou. Sempre que podia, o escritor realizava uma dessas viagens, tendo a última ocorrido em 1915.

Foi em 1885, ao se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo, que o jovem Afonso usou oficialmente pela primeira vez o nome Arinos. Em sua certidão de batismo - que valia como registro civil no Império - consta apenas Afonso de Melo Franco. Esse Arinos teria sido um apelido posto por seu pai, que costumava distribuir alcunhas indígenas aos filhos, e que o futuro escritor incorporou ao seu nome como demonstração de seu sentimento nativista.

Contrariamente ao esperado em um jovem que se bacharelou no ano da Proclamação da República, Afonso Arinos desde sempre se declarou monarquista e católico, posições mantidas até o fim de sua vida, mesmo em franco confronto com as opiniões da maioria de seus parentes e amigos. Foi por esse sentimento monarquista que ele mudou-se, em 1904, para Paris, onde abriu um escritório de representação comercial.

Homem de princípios, Arinos sempre tratou com a mesma dignidade o mais humilde sertanejo e o príncipe imperial do Brasil. Ficou famosa em São Paulo, durante sua estada naquela metrópole, a maneira como recebeu os catireiros contratados para uma apresentação em sua casa. Como se não bastasse a ousadia de levar matutos do interior para apresentar suas danças em uma festa da alta sociedade paulista, após a apresentação, o escritor fez questão de levar todos à porta e cumprimentar com um aperto de mão cada um deles. Tal fato causou escândalo na fechada sociedade da época e foi notícia nos jornais. Esse episódio demonstra que a atitude de Arinos frente à cultura popular não era hipócrita, e evidencia o respeito que o povo e sua arte lhe inspiravam.

Em 1917, Belo Horizonte, então uma jovem cidade com apenas vinte anos como sede do governo mineiro, e símbolo dos novos tempos republicanos, mudou o nome da sua Praça da República para Praça Afonso Arinos, como homenagem ao ilustre mineiro recentemente falecido. Não deixa de ser uma ironia da História e um símbolo da fragilidade do novo regime que a praça símbolo da República passasse a ter o nome de um monarquista convicto.

OBRA:

Embora Arinos sempre tivesse colaborado com órgãos da imprensa em Minas Gerais, como n'O Estado de Minas de Ouro Preto, foi em São Paulo que publicou a maior parte de seus trabalhos literários. Em 1898, saiu seu primeiro livro, *Peço Sertão*, com contos e descrições da região sertaneja mineira que tanto amava. Nesse mesmo ano editou em livro *Os Jagunços*, o romance-folhetim publicado inicialmente n' O Comércio de São Paulo a partir de outubro de 1897, o mesmo mês da aniquilação de Canudos, tema central da obra.

Os Jagunços foi, sem nenhuma dúvida, a primeira obra a tratar da guerra de Canudos e precede de quatro anos *Os Sertões*, editado em 1902. Em 1900, Afonso Arinos compilou em seu livro *Notas do Dia* uma série de artigos-comentários sobre os acontecimentos do momento. Entre eles está *Campanha de Canudos (O Epílogo da Guerra)*, publicado no jornal em 9 de outubro de 1897, no dia seguinte à queda da cidade do Conselheiro. Esses foram os livros lançados em vida. Em 1917, foram editados postumamente: *O Contratador de Diamantes*, *A Unidade da Pátria*, e *Lendas e Tradições Brasileiras*. Em 1918, foi a vez de *O Mestre de Campo* e em 1921, saiu *Histórias e Paisagens*. Em 1969, veio a lume o volume único de sua *Obra Completa*, com a inclusão de *Ouro! Ouro!*, texto inédito, conservado pela família.

Como bem notou Wainice Nogueira Galvão, a obra de Afonso Arinos "tangencia o percurso de três monstros sagrados de nossa literatura, (...) Euclides da Cunha, Mário de Andrade e Guimarães Rosa."

Euclides da Cunha, contemporâneo de Afonso e republicano de coração, dialoga com o escritor mineiro através das obras relacionadas com a revolta de Canudos. É óbvio que Arinos leu e usou as reportagens feitas por Euclides como correspondente de guerra do jornal *O Estado de São Paulo* para criar *Os Jagunços*. Por sua vez, Euclides certamente leu e absorveu o romance de Afonso ao se preparar para *Os Sertões*. Além disso, os dois escritores têm posições convergentes quanto ao "problema Canudos" e à maneira desastrosa e desumana como foi tratado pelas autoridades civis e militares. Segundo Wainice Galvão:

"Quando se cotejam as reportagens de Euclides com *Os Sertões*, que é um livro bem mais volumoso, percebe-se que este as amplia e aprofunda. Muito do que é novo já estava na obra de Arinos. Se Arinos utilizou as reportagens de Euclides, em compensação Euclides utilizou muito do romance de Arinos, que não figurava em suas próprias reportagens."

Com Mário de Andrade o diálogo se dá através da pesquisa continuada e da luta de ambos pela pesquisa, valorização e preservação da cultura popular. Membro fundador da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, Mário assistiu ao ciclo de conferências feito por Arinos em 1915, sobre o tema *Lendas e Tradições Brasileiras*, conferências essas depois reunidas no livro de mesmo nome, e guardou o programa de uma delas, sobre danças e representações como o cateretê, o reisado, o bumba-meu-boi, a marajada, a congada e outras. Essa ocasião registra a primeira apresentação de um recital de danças e folguedos populares brasileiros em um ambiente considerado "nobre" e dedicado à ópera, italiana principalmente, tão ao gosto da estrangeirada e privilegiada "elite" brasileira.

Com Guimarães Rosa as afinidades são unilaterais - por causa da diferença de idade, já que, quando Afonso Arinos morreu, Guimarães Rosa tinha oito anos de idade - e não houve a reciprocidade dos dois casos anteriores.

Ambos são mineiros, nascidos em cidades sertanejas dedicadas à criação e exportação de gado e, mais do que admiradores, eram, e se consideravam, frutos legítimos da cultura da gente do sertão, posição essa sobejamente demonstrada por suas atitudes e obras.

Inicialmente, une-os a preocupação com a técnica literária. Para Wainice Galvão:

"Desde o início Arinos perseguia uma técnica que lhe permitisse colocar o discurso na boca de seus sertanejos sem recorrer a grife e itálico, como era costume, acartando a diferença de classe e origem entre o narrador culto e a personagem inculta. (...)

Depois, surgiria o discurso indótil em que o narrador mimetiza um especialíssimo coloquial em Macearaína, de Mário de Andrade. Até então na esplêndida oralidade ficta de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa."

Outro traço de união, segundo a mesma autora, é a valorização da palmeira típica do cerrado do Brasil central, *Mauritia flexuosa*, popularmente conhecida como *buri*. Afonso Arinos escreveu *O Buri Perdido*, espécie de hino ao buri, que Guimarães Rosa copiou a mão e entregou à sua casa editora para que fosse incluído nas orlas do primeiro volume da primeira edição de seu *Corpo de Baile*. Além disso, a palmeira permeia toda a obra de Rosa, aparecendo em diversas circunstâncias e com variadas conotações simbólicas, particularmente como símbolo da masculinidade no *Corpo de Baile* e da feminilidade no *Grande Sertão: Veredas*.

Além de todas essas importantíssimas características, resta ressaltar a ótima qualidade literária da obra de Afonso Arinos, que, 92 anos após a sua morte, continua a nos encantar pela sua poesia, fantasia e revelação de um mundo que ainda não é misterioso.

Afonso
Arinos

PELO SERTÃO Rio de Janeiro, Laemmert, 1898.

OS JAGUNÇOS (Novela sertaneja escrita expressamente para O Comércio de São Paulo, e publicada por essa folha sob o pseudônimo de Olívio de Barros): São Paulo, Antônio da Rocha Ribeiro, 1898.

NOTAS DO DIA (Comemorando) São Paulo, Tip. Andrade, Mello & Comp., 1900.

OURO! OURO! (Inédito). [1904?]. Publicado na *Obra Completa* (1969).

LENDAS E TRADIÇÕES BRASILEIRAS (Pref. de Olavo Bilac): São Paulo, Levi, 1917.

O CONTRATADOR DE DIAMANTES (Peça em três atos e um quadro - Época: 1751-1753 - Ação: passa-se no Tijuco, hoje Diamantina): Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917.

A UNIDADE DA PÁTRIA (Conferência) Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917.

O MESTRE DE CAMPO (Romance de costumes do século XVIII): São Paulo, 1918.

HISTÓRIAS E PAISAGENS Rio de Janeiro, 1921.

LIVROS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR:

OS SERTÕES (Campanha de Canudos) Rio de Janeiro, Laemmert, 1902.

RELATÓRIO DA COMISSÃO MISTA BRASILEIRO-PERUANA DE RECONHECIMENTO DO ALTO PURUS Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906.

CASTRO ALVES E SEU TEMPO (Conferência). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1907.

PERU VERSUS BOLÍVIA Rio de Janeiro, Alves Jornal do Commercio, 1907.

À MARGEM DA HISTÓRIA Porto, Lello & Irmão, 1909. (edição póstuma).

Euclides
da
Cunha

LIVROS PUBLICADOS APÓS A MORTE DO AUTOR:

CARTAS DE EUCLIDES DA CUNHA A MACHADO DE ASSIS (coligidas por Renato Travassos): Rio de Janeiro, Waismann, Reis & Cia., 1931.

EUCLIDES DA CUNHA E SEUS AMIGOS (Epistolário coligido e anotado por Francisco Venâncio Filho): São Paulo, Editora Nacional, 1938.

VIDA:

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de Janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, na região serrana do vale do Paraíba do Sul, província do Rio de Janeiro. Morreu assassinado, em 15 de agosto de 1909, no Rio de Janeiro. Era o filho primogênito do contador Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de sua esposa Eudóxia Alves Moreira. Do lado paterno, era neto de traficante de escravos, e do materno, de fazendeiro de café na região em que nasceu.

Órfão de mãe aos dois anos de idade, Euclides teve uma vida infeliz e agitada, pontuada por dissabores pessoais que culminaram em seu assassinato pelo amante de sua mulher, o cadete Diomando de Assis. Homem franco, incapaz de ocultar suas opiniões, viveu sempre em conflito com padrões e superiores. Por isso, estava sempre de mudança, em um movimento contínuo, que culminou com a viagem para a Amazônia, onde permaneceu um ano para, na volta, encontrar a esposa grávida de Diomando.

Desde jovem, Euclides demonstrou que não havia vindo ao mundo para atravessar burocraticamente a vida. Sempre defendeu suas posições com arrojo, sem se poupar e levar em conta os próprios interesses. Destarte, defendeu a república no período monárquico, sendo, por isso, expulso da Escola Militar. No período republicano, já reintegrado ao exército, lutou, sempre, por uma sociedade mais justa. No episódio da Revolta da Armada apoiou Floriano Peixoto e lutou contra os revoltosos, até que se tomaram públicas as execuções sumárias de prisioneiros. Solicitou, então, uma audiência com o presidente para, destemidamente, pedir garantia de vida para seu sogro, o general Solon, que estava preso por suspeita de apoiar a revolta. É claro que com essa atitude ganhou a antipatia do Marechal de Ferro e foi prejudicado nas suas profissões profissionais.

No episódio de Canudos sua atitude não foi menos corajosa. Correspondente do jornal O Estado de São Paulo, foi para a Bahia com a impressão, criada pela imprensa, de que os jagunços de Antônio Conselheiro eram fortes, bem organizados e melhor armados, e representavam séria ameaça à ordem republicana. No teatro das operações, horrorizado com a desnecessária violência da repressão aos revoltosos e a disparidade de forças entre os sertanejos, armados com armas brancas e armas de fogo totalmente obsoletas, e as forças oficiais, que suprimam sua incapacidade tática e estratégica com uma violência feroz, mudou totalmente de posição. Em sua grande obra, Os Sertões, essa mudança fica patente e o escritor faz, explicitamente, a denúncia das atrocidades.

No final de sua vida, entre 1906 e 1909, ano de sua morte, o escritor trabalhou com o barão do Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores. Em 15 de julho de 1909, após ter sido classificado em segundo lugar no concurso para provimento da cadeira de Lógica do Colégio Pedro II, foi nomeado professor daquele estabelecimento de ensino. Nesse mesmo dia deu-se sua morte. Não pôde gozar dos benefícios de uma situação estável, rara em sua vida agitada. Sua glória apenas começava. Sua obra permaneceu, 99 anos após seu desaparecimento, um marco fundamental de nossa cultura.

OBRA:

Euclides da Cunha viveu numa época em que profundas transformações ocorriam na sociedade brasileira. As mais importantes, obviamente, foram a Abolição, em 1888, e o advento da República em 1889. Seu caráter impressionável e sua personalidade flamejante não poderiam deixar de se influenciar por esses acontecimentos e pelas inflamadas discussões que os cercaram. Sua obra é, destarte, um retrato do momento perigoso em que viveu e de sua participação ativa nos acontecimentos coetâneos. Não é de se admirar, portanto, que ela tenha sido esorta, em sua maior parte, para os jornais, no calor do momento.

Gilberto Freyre, em ensaio que se tornou célebre, chamou Euclides da Cunha de revelador da realidade brasileira, pela sua inestimável contribuição para nossos estudos histórico-sociais. De fato, essa denominação se ajusta como uma luva ao papel que Euclides teve em nossas letras. Educado no positivismo da Escola Militar, o escritor, sem abandonar essa ideologia formadora, evoluiu até se declarar um adepto do socialismo marxista no artigo Um Velho Problema, publicado no O Estado de São Paulo em 1º de maio de 1904.

Sua obra prima, Os Sertões, provocou, desde sua publicação, grande impacto, e teve defensores e críticos ferozes. Entregue às livrarias em 2 de dezembro de 1902, foi objeto, já no dia seguinte, de célebre artigo de José Veríssimo publicado no Correio da Manhã. Nelo, Veríssimo faz o elogio do conteúdo do livro, mas critica o rebuscamento da linguagem. Em sua resposta ao articulista, Euclides defende sua opção estética de usar um vocabulário científico, em uma aliança entre ciência e literatura. Nos dias 1º e 2 de janeiro de 1903, O Estado de São Paulo publicou a entusiástica apreciação crítica do Coelho Neto. Essas foram as primeiras de um grande número de publicações sobre a obra, que não cessaram até nossos dias.

É interessante notar que o autor de Os Sertões foi para a Bahia com uma impressão sobre Canudos e voltou com outra inteiramente diferente. Para a região do conflito foi o jornalista republicano, preocupado com a ameaça ao regime representada pelos revoltosos "monarquistas". Voltou de lá o escritor maduro, impressionado com a disparidade de meios entre as forças oficiais e as do arraial e com a matança bárbara e desnecessária que culminou com a cruel degola dos prisioneiros. Essa mudança indica a sensibilidade social do escritor e sua sincera preocupação com os destinos do povo brasileiro. Não podemos deixar de assinalar, porém, que Euclides foi um homem de seu tempo, com vários dos preconceitos de sua época, inclusive os de raça, e adepto de uma supervalorização da ciência. Esses preconceitos estão presentes em toda a sua obra e não a desvalorizam absolutamente, apenas a inserem em seu devido contexto.

Tão importante quanto sua contribuição de "revelador da realidade brasileira" é a inovação estilística do escritor. Também segundo Gilberto Freyre, o estilo euclidiano é:

"... difícil, enfiado de adjetivos que antes o afastava que o aproximava do leitor moderno. (...)

A verdade é que Euclides da Cunha escreveu perigosamente, transpôs para a arte de escrever o viver perigosamente de que falava Nietzsche. Escreveu seu estilo não só barroco - esplendidamente barroco - como perigosamente próximo do greguês, do podante, do bombástico, do oratório, do retórico, do gongórico, sem afastar-se em nenhum desses perigos: deixando-o apenas tocar por eles; quando por vezes pelos seus excessos; salvando-se como um bailarino perito em saltos mortais do extremo do má eloquência que o teriam levado à desgraça literária ou ao fracasso artístico."

Tal análise, com pequenas modificações, principalmente no que diz respeito à eloquência, se ajustaria perfeitamente ao estilo de outro gênio de nossas letras, Guimarães Rosa. Este, por sua vez lembra, no texto Pé-duro, chapéu-de-couro, do livro póstumo Ave, Palavra, o papel de Euclides no reconhecimento do sertanejo como tipo fundamental brasileiro:

"Todaíá, foi Euclides quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como o essencial do quadro - não mata mais paisagístico, mas ecológico - onde ele assere a sua existência e pelas próprias dimensões funcionais sobressai. Em Os Sertões, o mestiço lirpo adestrado na guarda dos bovinos zecrou, intelo, e ocupou em relevo o centro do livro, como se de sua superfície, já retalhado, disocoso de se desprender. E as páginas, essas, rodaram vez, ornando-o-o vaqueiro, sua estampa intensa, seu código e currículo, sua história nua."

Daí, porém, se escarrava o círculo."

De então tirou do ser como se os difíceis vaqueiros mais tivessem morrido no assalto final a Caralós. Sabiam-se, mas distanciamos, do espaço menos que no tempo, que nem modificados, distidos."

O que ressurtria, fêo de repuzo, propendo-se voto pragmático, reviu no lio de lago literário."

Derroas, certado, respizavam no sertão os seus passos dramáticos, dominando o sofrido as paragens em que sua estipe se diferenciou."

E tinha encerre e nome o que Euclides comunicava em sua superlativa sincera, na qualidade que melhor lhe cabia dar, neste nosso descontraído languaz, de extremas metáforas humanas, numa incorredida term de sal e cípio."

Cada um desses dois gênios, ao tratar do tema sertão de maneira única e extremamente pessoal, nos deixou um valioso e peregrino retrato do Brasil profundo, da terra e do povo esquecido pelas grandes metrópoles, que vive entregue aos desmandos dos tiranetes locais.

VIDA

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais, e morreu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967, vítima de problemas cardíacos. Sua vinda ao mundo se deu na residência de sua família, atualmente transformada no Museu Casa Guimarães Rosa. A edificação, segundo o hábito sertanejo, era ao mesmo tempo moradia familiar e estabelecimento comercial. Foi o mais velho dos sete filhos do casal formado pelo comerciante Florduardo Pinto Rosa e sua esposa Francisca Guimarães Rosa.

Seus primeiros nove anos de vida foram passados em Cordisburgo, cidade que abrigava um terminal ferroviário destinado ao embarque de gado, situado em frente à casa da família Rosa. Nesse ambiente, em que circulavam fazendeiros, vaqueiros, garimpeiros, mascates, mílgiosos, caçadores, ou seja, toda a gama humana que habita o interior do Brasil, o futuro autor de *Grande Sertão: Veredas* cresceu ouvindo causos e estórias, muitas verdadeiras, outras nem tanto, que calaram fundo em sua inteligência viva.

Essa inteligência, aliás, cedo se revelaria, pois ao lado das brincadeiras tradicionais dos meninos do interior, Guimarães Rosa demonstrou paixão pela leitura e pelos estudos, principalmente de línguas, zoologia, botânica e geografia. Tendo aprendido a ler, não se contentou em dominar apenas o português e estudou francês, holandês e alemão.

Médico, formado na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1930, exerceu essa profissão por apenas quatro anos, já que entrou para a carreira diplomática em 1934. Foi um funcionário exemplar do Itamarati, onde trabalhou até sua morte em 1967. Como diplomata, ocupou poucos cargos no exterior, todos no início da carreira, tendo, depois, preferido permanecer no Brasil. Aqui foi, por duas vezes, chefe de gabinete do Ministro do Exterior e, no final da vida, chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras. Nunca foi embaixador em nenhum país, tendo sempre recusado os muitos convites que recebeu para chefiar representações brasileiras no exterior para poder dedicar mais tempo à sua obra de escritor.

Guimarães Rosa casou-se duas vezes: a primeira, com Lygia Cabral Pena, com quem teve duas filhas, Vilma e Agnes; a segunda, com Aracy, a quem dedicou seu célebre e único romance, *Grande Sertão: Veredas*.

OBRA:

Na fase final de sua vida, que vai de 1951, ano de sua volta ao Brasil, até a morte em 1967, João Guimarães Rosa trabalhou incansavelmente na elaboração de uma nova e originalíssima estética literária. Para tanto, preparou-se de maneira metódica, como em tudo que fazia, realizando algumas viagens pelo sertão, sempre carregando seus famosos cadernos de notas, em que anotava dados sobre a fauna, a flora, os costumes, o linguajar e as crenças de nossa gente. Além disso, ele solicitava informações sobre casos acontecidos, que pudessem ser úteis em suas criações, a pessoas como seu pai e alguns amigos, que tinham vivido em pequenas cidades como Cordisburgo, Barbacena e Sete Lagoas.

Mas Guimarães Rosa não era um folclorista, um recolhedor de causos. Era, sim, um gênio literário de primeira grandeza, o maior que já tivemos. A matéria bruta que recolhia era refinada, trabalhada em uma construção minuciosa, de maneira que nada fosse deixado ao acaso. Homem de temperamento místico, vasta cultura e poliglota de incansável curiosidade lingüística, o escritor mineiro uniu sua experiência cultural cosmopolita com a realidade do sertão mineiro para, dessa fusão, extrair a mais original obra de autoria de um brasileiro.

O salto estilístico havido entre *Sagarana*, de 1946, e as duas obras seguintes, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, ambas de 1956, não tem equivalente na literatura brasileira. Nesse intervalo de dez anos, o talentosíssimo escritor regionalista, que nos havia brindado com os deliciosos e pitorescos contos de sua obra inaugural, evoluiu até se tornar no mestre que traça as novas veredas da criação artística brasileira. O horizonte lingüístico se tomou infinito. Arcaísmos, neologismos, estrangulismos, fusões de palavras, extensões vocabulares, nada foi rejeitado na busca por uma representação do mundo que só na aparência é o sertanejo. Na verdade, é a realidade de todos nós, do Homem humano. "O sertão é do tamanho do mundo", como escreveu o próprio Rosa.

Os dois livros seguintes, *Primeiras Estórias* e *Tutaméla*, representam outra evolução, talvez mais difícil do que a primeira. Os vastos espaços de *Riobaldo*, *Migallim*, *Manuelzão* e *Soropita* e *Doralda* se reduziram a pequenas, mas apenas no tamanho, estórias, em que o escritor mineiro exerceu até o virtuosismo sua capacidade de síntese. Paroia, embora não o fosse, uma resposta aos críticos que o haviam acusado de prolixidade, abatados pela inigualável riqueza das duas publicações anteriores. Na verdade, não havia necessidade de respostas: a qualidade das criações falava por si. Exilista, certamente, o impulso íntimo do artista, que não queria se repetir, e abria, mais uma vez, novos caminhos.

Ao elevar, com sua Obra, a tradição regionalista brasileira e latino-americana aos cimos transcendentes da metafísica, transformar nossos jagunços e sertanejos em figuras universais do porte de Ulisses, Fausto, D. Quixote, Macbeth e Hamlet e, assim, superar as categorizações críticas e literárias, João Guimarães Rosa, no ano de seu centenário, 41 anos depois de sua morte, permanece e brilha como balza fundamental da cultura brasileira. Como o grande buriti da novela de mesmo nome incluída no *Corpo de Baile*, sugere o Janus Bifronte dos antigos romanos: uma face volta-se para o passado, para o mundo arcaico do sertão, fonte de nossa memória; a outra, a de sua poética inovadora, aponta para o futuro, iluminando nossos caminhos e eternizando, deste modo, o inesquecível ciclo da vida.

SAGARANA Rio de Janeiro, Editora Universal, 1946.

COM O VAQUEIRO MARIANO Niterói, Edições Hípcampo, 1952. (posteriormente incluído em Ave, Palavra)

CORPO DE BAILE Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 vol.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

O MISTÉRIO DOS MMM Romance em colaboração Coordenação de João Condé, publicado em O Cruzeiro, de outubro a dezembro de 1961. JGR escreveu no número de 16 de dezembro de 1961.

PRIMEIRAS ESTÓRIAS Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

O SETE PECADOS CAPITAIS Obra em colaboração (de JGR é o Capítulo I, a soberba, com o título Os Chapéus Transeuntes): Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. (Republicado em Estas Estórias).

TUTAMÉIA (TERCEIRAS ESTÓRIAS) Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

ESTAS ESTÓRIAS Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. (Póstumo)

AVE, PALAVRA Rio de Janeiro, José Olympio, 1970. (Póstumo)

MAGMA Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997. (Póstumo)

CAETÉS Rio de Janeiro, Schmidt Editores, 1933.

SÃO BERNARDO Rio de Janeiro, Ariel, 1934.

ANGÚSTIA Rio de Janeiro, José Olímpio, 1936.

VIDAS SECAS Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938.

HISTÓRIAS DE ALEXANDRE Rio de Janeiro, Lettura, 1944.

DOIS DEDOS Rio de Janeiro, Ed. Revista Acadêmica, 1945.

INFÂNCIA Rio de Janeiro, José Olímpio, 1945.

INSÔNIA Rio de Janeiro, José Olímpio, 1947.

7 HISTÓRIAS VERDADEIRAS Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1951.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE Rio de Janeiro, José Olímpio, 1953, 4 v. (póstuma)

VIAGEM (Tcheco-Eslôvaquia-URSS) Rio de Janeiro, José Olímpio, 1954 (póstuma)

VIVENTES DAS ALAGOAS São Paulo, Martins, 1962 (póstuma)

ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS São Paulo, Martins, 1962 (póstuma)

HISTÓRIAS AGRESTES Org. Ricardo Ramos. Rio de Janeiro, Ed. Ouro, 1967 (póstuma)

VIDA:

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892, e morreu no Rio de Janeiro, em 29 de março de 1953, de um tumor no pulmão. Era o primogênito dos dezesseis filhos do casal formado por Sebastião Ramos de Oliveira, comerciante de tecidos, e Maria Amélia Ferro e Ramos. Seu avô paterno era um senhor de engenho arruinado e o materno, fazendeiro no sertão pernambucano.

Em 1894, a família mudou-se para Pernambuco, indo se estabelecer em Buíque, na região em que viviam seus avós maternos. Entre esse ano e 1914, a família Ramos viveu sucessivamente em Buíque, Viçosa e novamente em Alagoas, na cidade de Palmeira dos Índios. Em seu livro *Infância*, Graciliano descreve a rigidez dos pais e a pouca ou nenhuma afetividade que recebeu de seus progenitores. Nesse período, além de receber a usual instrução primária, Graciliano trabalhou na loja do pai e adquiriu o gosto pela leitura, tendo sido um autodidata em sua formação intelectual.

Em 1914, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até 1915 e se sustentou trabalhando como revisor em jornais diversos. De volta a Palmeira dos Índios, casou-se com Maria Augusta Barros, que faleceu em 1920. Nessa cidade, trabalhou no comércio e colaborou na imprensa local.

1928 foi um ano importante para Graciliano Ramos. Nela, o escritor iniciante foi eleito prefeito, casou-se com Heloisa Medeiros e terminou seu primeiro livro, *Caetés*. O poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, atraído pela originalidade dos relatórios que Graciliano, como prefeito, enviava ao presidente do estado de Alagoas, lhe solicitou um romance que "certamente teria escrito". Graciliano remeteu *Caetés* para o Rio e o romance foi publicado em 1933.

Em 1930, Graciliano havia renunciado à prefeitura de Palmeira dos Índios e se mudou para Maceió, onde ocupou a diretoria da Imprensa Oficial do estado. Em 1932, voltou para Palmeira dos Índios, onde escreveu *São Bernardo*, publicado em 1934. Em 1933, voltou a Maceió como Diretor da Instrução Pública, posição que manteve até 1936, quando foi preso e levado para o Rio de Janeiro, sendo libertado apenas em 1937. Então, passou a trabalhar na imprensa da capital federal. Sua experiência na prisão seria contada em *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente em 1953.

De 1938 até sua morte, em 1953, viveu modestamente com a esposa Heloisa e a família no Rio de Janeiro, trabalhando como Inspetor Federal de Ensino e atuando na imprensa como revisor e autor de artigos. Esses seus textos foram postumamente reunidos no livro *Linhas Tortas*. No Rio publicou, também, *Vidas Secas*, em 1938; *Infância*, em 1945; *Insônia*, em 1946; preparava as *Memórias do Cárcere*, quando morreu.

Graciliano Ramos foi sempre um atleta político, tendo aderido ao Partido Comunista Brasileiro em 1945.

OBRA:

Grande mestre da língua, a obra do Velho Graça, como era chamado pelos amigos, representa capítulo à parte em nossa literatura. Cético por natureza, de um ceticismo que beirava o pessimismo, Graciliano desenvolveu um estilo extremamente pessoal, elegante e conciso, quase seco, sem paralelo entre seus contemporâneos. Suas preocupações estéticas prescindiam da descrição pomposa do meio ambiente, mas trabalhava, principalmente, o mundo interior das personagens. É, por isso, considerado pela crítica como um dos grandes romancistas introspectivos brasileiros, ao lado de Machado de Assis.

Em uma leitura do, por exemplo, *Vidas Secas*, em que o autor alagoano descreve a vida de uma família de retirantes nordestinos, fica patente essa vertente literária. Nessa obra, os protagonistas são massacrados pelas condições inóspitas da natureza e da arcaica estrutura social em que vivem. Mas, não é somente por essa falta de recursos materiais e perspectivas sociais que suas vidas são ressecadas. Nesse processo entra, de maneira importante, a indigência vocabular que os impede de demonstrar pelas palavras seus sentimentos e inquietações. São pobres de patrimônio material e simbólico, realidade descrita pelo autor com rara e contundente poesia. Nesse ponto, Graciliano é o oposto de Guimarães Rosa, cujas personagens possuem não só grande repertório lingüístico, como também rara capacidade de criar aqueles termos que não conhecem e que lhes são necessários.

Pode-se dizer, também, que foi Graciliano Ramos quem primeiro, em público, chamou a atenção para a obra de Guimarães Rosa. Em um artigo intitulado *Um Livro Inédito*, incluído na coletânea *Linhas Tortas*, o autor alagoano fala de um escritor, segundo ele "médico e mineiro", que havia apresentado, em 1938, sob o pseudônimo Vlator um bom livro de contos ao concurso Humberto de Campos, promovido pela Livraria José Olympio. Classificado em segundo lugar, esse concorrente não tinha aparecido e estava incógnito até a data de publicação do artigo. Vlator era ninguém menos que o médico e diplomata João Guimarães Rosa e o livro, a primeira versão de *Sagarana*. Na época, Rosa se encontrava na Alemanha, como vice-cônsul brasileiro em Hamburgo. Não sendo frequentador dos meios literários do Rio de Janeiro, Guimarães Rosa era desconhecido e, por isso, não se tinha idéia de quem poderia ser o tal Vlator.

De volta ao Brasil, Guimarães Rosa refundiu o livro, deu-lhe o título *Sagarana*, um neologismo criado por ele, e o lançou em 1946. Graciliano Ramos leu a nova versão da obra e fez-lhe o elogio em outro artigo, incluído no mesmo *Linhas Tortas*, intitulado *Conversa de Bastidores*. Nesse artigo, ele fala do livro e do autor, narra como travou conhecimento pessoal com Rosa, e vaticina com incrível precisão: "certamente ele fará um romance, romance que não leerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando meus ossos começarem a esfarelar-se." Grande autor, fino estilista e profeta de sorte.

CRONOLOGIA

1846: Em 20 de janeiro nasce Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha.

1858: Em 1º de maio nasce Afonso de Melo Franco, que se tornaria conhecido como Afonso Arinos. Em 9 de agosto, nasce Adília, a única irmã de Euclides.

1869: Com apenas três anos, Euclides perde a mãe.

1870: Em companhia do irmão, Euclides muda-se para Teresópolis, para viver com tios.

1870/85: Euclides vive em casa de parentes, em diversas cidades do Rio de Janeiro e da Bahia.

1876: Prisão de Antonio Mendes Maciel, apelidado O Conselheiro, na Bahia, sob a falsa acusação de ter assassinado a mãe. Conselheiro é julgado e absolvido.

1876/83: Afonso vive em cidades diversas de Minas e de Goiás, acompanhando o pai, juiz de direito.

1882: Antonio Conselheiro é proibido pelo arcebispo da Bahia de fazer pregações públicas, como era seu costume.

1885/89: Afonso estuda Direito em São Paulo. Declara-se católico e monarquista, posições que manterá até o final da vida.

1885: Euclides se matricula na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde estuda por um ano. Não pode continuar por falta de recursos.

1886: Em 20 de fevereiro, Euclides se transfere para a Escola Militar da Praia Vermelha, gratuita, onde é aluno, dentre outros, de Benjamin Constant.

1888: Euclides, republicano de coração, é expulso da Escola Militar por problemas disciplinares. Muda-se para São Paulo, centro de propaganda republicana, onde começa a colaboração com A Província de São Paulo - mais tarde O Estado de São Paulo - que duraria toda a sua vida.

Em 13 de maio é assinada a Lei Áurea, que abole a escravidão no Brasil.

1889: Em 15 de novembro é proclamada a República no Brasil. O Marechal Deodoro da Fonseca assume a presidência do Governo Provisório.

Euclides retorna ao Rio para estudar na Politécnica. Com a Proclamação da República, é reintegrado ao Exército e promovido a alferes-aluno.

Após bacharelar-se em Direito em São Paulo, Afonso se muda para Ouro Preto, onde começa a advogar.

1890: Euclides matricula-se na Escola Superior de Guerra. Em 14 de abril é promovido a segundo-tenente. Em do 10 de setembro casa-se com Ana Ribeiro, filha do general Solon Ribeiro.

1892: Em 27 de outubro nasce Graciliano Ramos de Oliveira em Quebrângulo, Alagoas.

Em 9 de janeiro, Euclides é promovido a primeiro-tenente, após ter concluído o curso da Escola Superior de Guerra. Trabalha como engenheiro praticante da Estrada de Ferro Central do Brasil.

1893: Em 18 de agosto Antonio Conselheiro inaugura a primeira igreja em Canudos, a que passou à História como a Igreja Velha. Com isso, fixa-se no lugarejo situado às margens do rio Vaza-Barris, que denomina Belo Monte.

Em 6 de setembro, irrompe, no Rio de Janeiro, a Revolta da Armada.

O general Solon, sogro de Euclides, é preso como suspeito de participação da revolta. Euclides ajuda Floriano e trabalha na construção de trincheiras no Moral.

1894: Em 28 de março, Euclides é transferido para a cidade de Campos, em Minas Gerais, por ter preestado contra a execução sumária dos prisioneiros políticos pedida pelos barbaetas.

Em 14 do dezembro, o general Solon é solto e nomeado comandante do distrito militar da Bahia.

1894: Prudente de Moraes é eleito e empossado presidente da República.

1894/1914: A família do Graciliano Ramos muda-se para Boiquê, no sertão pernambucano. Depois, sucessivamente, muda-se para Viçosa e Palmeiras dos Índios, em Alagoas. Graciliano trabalha na loja do pai, enquanto realiza seus estudos primários e secundários.

1895: Em 26 de junho, Euclides licencia-se do exército, em consequência da manifestação de sintomas de tuberculose, e passa a trabalhar como engenheiro-ajudante da Superintendência de Obras Públicas em São Paulo.

O Arcebispo da Bahia envia dois frades capuchinhos italianos a Canudos para tentar dispersar a comunidade. Fracassada a missão, um desses frades, o frei Marciano, faz um relatório em que aconselha a intervenção do governo como a única alternativa para dispersar a população de Canudos que se recusa a pagar os impostos - por ser monarquista, Conselheiro não reconhece o poder da República - e a obedecer a Igreja Católica.

1896: Afonso Arinos efetua suas primeiras publicações no Estado de Minas, em Ouro Preto. Realiza, também, sua primeira viagem à Europa.

Em 13 de julho, Euclides obtém a reforma do exército, no posto de tenente. Passa a atuar como engenheiro em São Paulo.

A recusa dos comerciantes de madeira de Juazeiro, na Bahia, em entregar aos seguidores de Antonio Conselheiro uma partida de madeira que havia sido comprada e paga por eles desencadeia o conflito que culminará com a aniquilação do arraial de Canudos. Em 21 de novembro, os jagunços, como são chamados os conselheiristas, obtêm sua primeira vitória em Uauá, a 50 quilômetros de Canudos, contra uma força da polícia estadual baiana, composta por aproximadamente 120 homens, comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira.

Em 25 de novembro, uma nova expedição, comandada pelo major Febrônio de Brito, com cerca de 620 homens, parte de Salvador para combater os jagunços de Conselheiro.

1897: Em 20 de janeiro, após dois dias de combate, é derrotada a 2ª Expedição.

Afonso Arinos muda-se para São Paulo, onde assume a direção do jornal O Comércio de São Paulo, de orientação monarquista. Casa-se com Antonieta Prado, filha do conselheiro Antonio Prado.

Nos primeiros dias de março, é derrotada a 3ª Expedição enviada contra Canudos. Dela faziam parte cerca de 1300 homens comandados pelo coronel Antonio Moreira César, que morreu de ferimentos sofridos nos combates.

A derrota da Expedição Moreira César provoca uma onda de histeria anti-monarquista nas principais cidades do país, já que a imprensa associa o poder de resistência dos jagunços baianos aos apoios de "forças ocultas" monarquistas.

Como consequência desse estado de espírito anti-monarquista, instalações de periódicos do Rio e de São Paulo de tendência monárquica, entre elas o jornal O Comércio de São Paulo, em que trabalha Arinos, são depredadas.

Euclides da Cunha escreve artigos para o Estado de São Paulo, em que comenta a derrota das forças enviadas para Canudos, comparando-a ao episódio da reação dos camponeses monarquistas da região de Vendéia contra a Revolução Francesa.

Para debelar o que agora era tido como uma perigosa reação monárquica contra a República, é preparada a 4ª Expedição do Exército, composta por cerca de 7000 homens e comandada pelo general Artur Oscar Guimarães. Em 5 de outubro, é consumada a aniquilação do povoado de Canudos.

Euclides participa da campanha de Canudos, na qualidade de correspondente do jornal O Estado de São Paulo. Nesse periódico, publica os artigos que serviram de fundamentação para o seu livro Os Sertões e para Os Jagunços, de Afonso Arinos. Em 21 de outubro, está de volta a São Paulo. Sua experiência em Canudos o fez mudar de opinião, e retorna histerizado com a desnecessária violência das forças públicas contra o arraial e a degola dos prisioneiros.

1897: Em outubro, Afonso Arinos começa a publicar, no Comércio de São Paulo, os folhetins de seu romance Os Jagunços, a primeira obra sobre Canudos. Esse jornal foi o único a protestar com veemência contra as atrocidades cometidas pelas forças armadas contra Antonio Conselheiro e seus seguidores.

1898: Campos Sales assume a presidência da República.

Euclides da Cunha se muda para São José do Rio Preto, para reconstruir a ponte sobre o rio de mesmo nome que desabara em consequência das chuvas de janeiro. Vive lá nessa cidade até 1901 e nela escreverá quase toda sua obra prima Os Sertões.

1898: Afonso Arinos publica seus dois livros: Os Jagunços, em que reúne os folhetins sobre Canudos aparecidos no Comércio de São Paulo, e Pelo Sertão, com os contos sertanejos publicados em periódicos como O Estado de Minas, de Ouro Preto, e na Revista Brasileira.

1900: Morre o general Solon Ribeiro, sogro de Euclides da Cunha. O escritor finaliza a primeira versão de Os Sertões.

Arinos publica Notas do Dia, uma seleção de seus comentários jornalísticos sobre temas políticos.

1901: Afonso Arinos é eleito para a Academia Brasileira de Letras, na qual seria empossado em 1903.

1902: Rodrigues Alves é eleito presidente da República.

Os Sertões (Campanha de Canudos), volume de 627 páginas, chega às livrarias em 2 de dezembro. Nele, Euclides acusa o Exército e a igreja pela aniquilação do arraial e faz uma auto-crítica relativa à sua cobertura jornalística, ao denunciar a chacina dos prisioneiros. Desautoriza o uso do termo vendéia, usado por ele mesmo em seus artigos jornalísticos, para se referir a Canudos, e descarta a hipótese de uma conspiração monarquista internacional contra a república brasileira. O livro tem grande impacto na imprensa.

1903: Pelo Tratado de Petrópolis, assinado entre o Brasil e a Bolívia, o Acre é incorporado ao território brasileiro, mediante uma indenização de 2 milhões de Libras Esterlinas ao país andino.

Surto de febre amarela no Rio de Janeiro, debelado por Oswaldo Cruz.

Sai a segunda edição de Os Sertões. Euclides é eleito para a Academia Brasileira de Letras.

1904: O casal Afonso e Antonieta muda-se para Paris, onde Arinos abre um escritório comercial.

Euclides atua, por poucos meses, como engenheiro em Santos. Em agosto passa a colaborar com o Barão do Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores. Em 13 de dezembro, vai para a Amazônia trabalhar na Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, na fronteira do Brasil com o Peru. Só retornaria de lá em janeiro de 1906.

1906: Afonso Pena é eleito presidente da República.

Santos Dumont realiza, em Paris, o primeiro voo de um veículo mais pesado que o ar com o 14 Bis.

De volta ao Rio, Euclides encontra sua esposa Ana grávida do cadete Diomedes de Assis. O escritor publica, em setembro, Paris versus Bolívia, e toma posse na Academia Brasileira de Letras.

1907 : É completada a ligação telegráfica do Rio de Janeiro com a Amazônia.

Euclides publica Contrastes e Costuras.

1908: Morre Machado de Assis.

É aprovado o serviço militar obrigatório.

Euclides tem participação ativa em incidente diplomático entre Brasil e Argentina, Guerra Interamente a presidência da Academia Brasileira de Letras, pela morte de Machado de Assis.

Em 27 de junho, nasce em Cordilburgo, Minas Gerais, João Guimarães Rosa. O futuro escritor viverá em sua cidade natal até 1917.

CRONOLOGIA

1909: Nilo Peçanha assume a presidência da República, pelo morte de Afonso Pena.

Euclides é nomeado professor de Lógica do Colégio Pedro II.

Em 15 de agosto, o escritor morre assassinado pelos irmãos Dilermando e Dinoré de Azeite. Sai seu livro *À Margem da História*.

De 27 de junho de 1908, nascimento de Guimarães Rosa, até a morte de Euclides, em 15 de agosto do ano seguinte, portanto, por pouco menos de um ano e dois meses, os quatro mestres homenageados nesta exposição estavam vivos.

1910: O Marechal Hermes da Fonseca assume a presidência da República.

Eolódio, no Rio de Janeiro, a Revolta da Chibata, em que os marinheiros se rebelam contra o rigor excessivo do código disciplinar da Marinha de Guerra.

1912: Afonso excursiona pelo sertão mineiro com um grupo de amigos de aristocracia francesa.

1914: Afugentado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, Afonso e Arionetez retornam ao Brasil e fixam residência no Rio de Janeiro.

Graciliano vive no Rio de Janeiro, onde trabalha na imprensa diária como redator.

1915: Afonso realiza sua última viagem pelo sertão mineiro, faz um ciclo de conferências sobre lendas e tradições brasileiras no Teatro Municipal de São Paulo e publica o romance histórico *O Mestre de Campo*.

De volta a Palmeira dos Índios, Graciliano se casa com Maria Augusta Barros, falecida em 1920. Para viver, trabalha no comércio e imprensa locais.

1916: Em sua viagem de volta a Paris, Afonso tem uma crise de vesícula perto de Barcelona, onde é internado e morre em 19 de fevereiro.

Em 4 de julho, morre Euclides da Cunha Filho, assassinado, também, por Dilermando de Azeite. Nos julgamentos pelos dois crimes, os mortos do pai e do filho, Dilermando foi absolvido por legítima defesa.

1917: Pela lei nº 127 de 3 de abril de 1917, a Câmara Municipal de Belo Horizonte deu o nome de Afonso Arinos à Praça da República dessa capital. Em 1919, o legislador voltou ao nome antigo. Em 1943, ganhou novamente a chamar-se Praça Afonso Arinos.

1917: Estréia em São Paulo e publicação póstuma de *O Contratador de Diamantes*, peça de autoria de Afonso Arinos. Publicação de *Lendas e Tradições Brasileiras*.

1918/1924: Após mudar-se para Belo Horizonte, o menino João Guimarães Rosa estuda no colégio Amaldi, onde completará o curso secundário em 1924.

1921: Publicação de *Metórtas e Paisagem*.

1925: Ainda em Belo Horizonte, Guimarães Rosa matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, na qual se formará em 1930.

1928: Graciliano é eleito prefeito de Palmeira dos Índios. Casa-se com Heloisa Medeiros. Finaliza seu primeiro livro: *Coetês*. Seus relatórios para o governador de Alagoas, publicados no Diário Oficial, chamam a atenção de Augusto Frederico Schmidt. Este publicará *Coetês* em 1933.

1929: Guimarães Rosa publica seu primeiro tratado de ficção *O Craveiro*, um conto intitulado *O mistério de Wightmore Hall*.

1930: O casal Graciliano e Heloisa muda-se para Maceió, onde o escritor ocupa a diretoria da Imprensa Oficial de Alagoas.

Em 27 de junho, dia de seu aniversário, João Guimarães Rosa casa-se com Lygia Cebral Pena. Em 21 de dezembro, forma-se em Medicina, tendo sido escolhido orador da turma pelos colegas. Ao longo do ano publicou mais dois contos *O Craveiro: Crônicas da Anáclio* (*Pempe e destino*) e *Capadocia de camurças, além de Makind, n' O Jornal do Rio de Janeiro*. Esses contos serão rejeitados por oit e nunca reeditados.

1931: Guimarães Rosa vive e trabalha como médico em Itaguara, distrito de Itaúna. Em 5 de julho nasce Vilma, sua filha mais velha.

1932: *Retorno a Palmeira dos Índios*, Graciliano escreve *São Bernardo*, publicado em 1934.

Guimarães Rosa atua como médico voluntário na Revolução Constitucionalista.

1933: João Guimarães Rosa muda-se com a família para Barbacena, cidade em que o futuro escritor atua como médico da Força Pública de Minas Gerais.

1934: Em 17 de janeiro de 1934, nasce sua filha caçula, Agnes. Em 11 de julho, ingressa na carreira diplomática ao ser nomeado cônsul de terceira classe, após ter sido aprovado no concurso de Ramanari. Muda-se para o Rio de Janeiro com a família.

1936: Seu livro de poesias *Magia*, publicado postumamente em 1997, ganha o primeiro lugar no concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras.

Demitido do cargo de Diretor da Instrução Pública de Alagoas, que ocupava desde 1933, Graciliano é preso e levado para o Rio de Janeiro. Publicação de *Angústia*.

1937: *Libertação*, sua residência no Rio de Janeiro e passa a trabalhar na imprensa. Nesse ano Graciliano faz parte do júri de Concurso Humberto de Campos, promovido pela Livreria José Olympio, em que Guimarães Rosa se classifica em segundo lugar.

Com o livro *Coetês*, Rosa concorre ao Prêmio Humberto de Campos, da editora José Olympio. É classificado em segundo lugar.

1938: Publicação de *Vitós Secas*.

João Guimarães Rosa é enviado para a Alemanha, pelo pai que vivera, sem a família, até 1942, na qualidade de cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo. Em Hamburgo conhece Anacy, funcionária do consulado que se tornará sua segunda mulher.

1939: Graciliano é nomeado inspetor Federal de Ensino.

1942/1944: De volta ao Brasil, onde permanece por pouco tempo. João Rosa é nomeado segundo-secretário da embaixada e enviado para Bagdá. Em 1943, é reverbado seu despeito de Lygia. Em 27 de junho de 1944 volta ao Rio de Janeiro, onde ficará até agosto de 1948.

1945: Graciliano filia-se ao Partido Comunista Brasileiro. Publicação de *Infância*.

1946: Publicação de *Insônia*.

Em fevereiro, Guimarães Rosa é nomeado chefe de gabinete do ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura. Em abril é publicado *Sagarana*, seu primeiro livro. A recepção pelo público e crítica é altamente favorável. No mesmo ano sai sua segunda edição. No mês de julho, Guimarães Rosa participa da Conferência da Paz em Paris.

1948/1951: Após breve estada na Colômbia, Rosa vai para Paris trabalhar na embaixada brasileira, lá permanecendo até 1951. Aproveita a estadia para percorrer a Itália. Em 1951 retorna ao Rio onde, novamente, assume a chefia de gabinete do ministro João Neves da Fontoura. Nesse mesmo ano sai a terceira edição de *Sagarana* pela José Olympio, que seria sua editora até o final de vida.

1952: *Viagem à Tcheco-Eslavaquia e à União Soviética*.

Guimarães Rosa realiza uma viagem pelo interior mineiro para, segundo suas próprias palavras, "conferir os mágicos dos bois e a copiosidade do orvalho nas montas do melão, entre aboles, entreas e amenas peripécias."

1953: Em 20 de março, morre Graciliano Ramos. Publicação póstuma de *Memórias do Cárcere*.

Guimarães Rosa passa a publicar uma série de bestas, contos, poemas etc. na imprensa carioca e paulista.

1954: Publicação de *Viagem*, em que narra a sua viagem pelos países socialistas

1956: Em Janeiro, sai *Corpo de Baile*, pela editora José Olympio. Em maio, a mesma editora publica *Grande Sertão: Veredas*. No segundo semestre é lançada a quarta edição de *Sagarana*. A revolução lingüístico-estilística contida nas novas obras provoca acirrada discussão entre seus defensores e críticos.

1958: Em Janeiro, JGR é derrotado por Afonso Arinos de Melo Franco na eleição para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por José Ulys de Rego. Em maio, é promovido a ministro de primeira classe, correspondente ao posto de embaixador, o mais alto da carreira diplomática. Em novembro o escritor sofre um enfarte

1959: O célebre poema em prosa *Buriti Perdido* tem trechos gravados na placa de bronze colocada em frente ao Palácio do Buriti, sede do governo do novo Distrito Federal, situado na Praça do Buriti, em Brasília. A palmeira, típica do cerrado brasileiro, é declarada o árvore símbolo da nova capital federal.

1960: Em Janeiro, Rosa é nomeado chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras do Ramanari. No segundo semestre a José Olympio publica *Primeiras Estórias*.

1962: Em agosto, Guimarães Rosa é eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por seu amigo João Neves da Fontoura. Só tomará posse em 1967.

1968: Lançada, pela Companhia Aguiar Editora, a primeira edição da *Obras Completas de Euclides da Cunha*, em comemoração ao seu centenário de nascimento.

1967: Em julho, sai *Tutamelá (Terceiras Estórias)*, sua última obra. Em 16 de novembro, finalmente, toma posse na Academia Brasileira de Letras. Em 19 do mesmo mês, o escritor João Guimarães Rosa falece em seu apartamento no Rio de Janeiro, vítima de um enfarte fulminante. O jornal *O Estado de São Paulo* noticia sua morte com a manchete: *Morre novo maior escritor*. Poucas vezes na história de nossa imprensa, o usual superlativo jornalístico foi tão fiel à verdade.

1967: A editora José Olympio lança *Em Memória de JGR*, obra em homenagem ao escritor.

1969: Publicação, pelo Instituto Nacional do Livro, da *Obras Completas de Afonso Arinos*, com a inclusão de romance inacabado *Duro! Duro!*. Lançado pela José Olympio o livro póstumo de Guimarães Rosa, *Estas Estórias*.

1970: Lançado, pela José Olympio, o livro póstumo de Guimarães Rosa, *Ave Palavras*.

1970: Lançado, pela Nova Fronteira, *Magia*, o livro de poemas de JGR, que havia permanecido inédito por 40 anos.

1974: Lançada, pela Nova Fronteira, sua *Obras Completas* em dois volumes.

1997: Lançado, pela Nova Fronteira, *Magia*, o livro de poemas de JGR, que havia permanecido inédito por 40 anos.



É um dissidente do molde exato de Themáon. Insurge-se contra a Igreja romana, e vibra-lhe objurgatórias, estadeando o mesmo argumento que aquele: ela perdeu a sua glória e obedece a Satanás. Esboça uma moral que é a tradução justalinear da de Montano: a castidade exagerada ao máximo horror pela mulher, contrastando com a licença absoluta para o amor livre, atingindo quase à extinção do casamento.

O frigio pregava-o, talvez como o cearense, pelos resalbos remanescentes das deidades conjugais. Ambos proibem severamente que as moças se atavem; bramam contra as vestes realçadoras; insistem do mesmo modo, especialmente sobre o luxo dos toucados; e - o que é singularíssimo - combinam, ambos, o mesmo castigo a este pecado: o demônio dos cabelos, punindo as valdosas com dilaceradores pentes de espiho.

A beleza era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro estremeu-se mesmo no mestrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas, mesmo às beatas velhas, feitas para amantarem sátiras.

Os forestaltes que aprovam àquelas plagas eram, ademais, de moída para essa mistura em larga escala. Homens de guerra, sem lares, afeiços à vida solta dos acampamentos, ou degredados e aventureiros corrompidos, norteava-os a todos como um aforismo o ultra aequivoctalem non peccavi, na frase de Barfous. A mancebla com as caboclas descambou logo em franca desavassidão, de que nem o clero se iaentava. O padre Nóbrega definiu bem o fato, na célebre carta ao rei (1549) em que, pintando com ingênuo realismo a dissociação dos costumes, declara estar o interior do país cheio de filhos de cristãos, multiplicando-se segundo os hábitos gentílicos. Achava conveniente que lhe enviassem órfãs, ou mesmo mulheres "que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa". A primeira mestiçagem fez-se, pois, nos primeiros tempos, intensamente, entre o europeu e o silvícola. "Desde cedo, d'Alc Casal, os tupiniquins, gente de boa índole, foram cristianizados e aparentados com os europeus, sendo inumeros os troncos naturais do país com casta tupiniquina."

Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas tranbóchos incômodos no acampamento, atravessando-o, como bruiças imprestáveis.

Era o caso de uma velha que se aboletara com dois netos de cerca de dez anos junto à vortente em que acampava o piquete de cavalaria. Os pequenos, tobiços, num definhamento absoluto, não andavam mais; tinham volvido a engatinhar. Choravam desapoderadamente, de fome. E a avó, desatinada, esmolando pelas tendas os restos das marmitas, e correndo logo a acalentá-los, aconchegando-lhes dos corpos os frangalhos das camisas; e deixando-os outra vez, agitante, infatigável no desvelo, andando aqui, ali, à cata de uma litusa velha, de uma bolacha caída do bolso dos soldados, ou de um pouco d'água; acurvada pelo esfriamento e pela idade, titubeando de um para outro lado, indo e vindo, cambaleante e sacudida sempre por uma tosse renitente, de toica - constringia os corações mais duros. Tinha o que quer que fosse de um castigo; passava e repassava como a sombra impertinente e recalcitrante de um remorso...

A degolação era, por isto, infinitamente mais prática, dizia-se nuamente. Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dento por dento. Naquelas aras palavra ainda, a poeira de Merica César, quimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A represso tinha dois pólos - o incóndio e a faca.

Justificavam-se: o coronel Carlos Teles prepara carta vez um sertanejo prisioneiro. A ferocidade dos sicários retraia-se diante da alma generosa de um herói...

Mas este pagara o dezize imperdoável de ser bom. O jagunço, que salvara, conseguira fugir e dera-lhe o tiro que o removera do teatro da luta. Acreditava-se nestas coisas. Inventavam-nas. Eram antecolpados recursos absolutórios. Exageravam-se, calculadamente, outras: os martírios dos amigos trucidados, caídos nas tocalas traiçoeiras, ludibriados depois de cadáveres e postos como sepantelhos à orla dos caminhos... A selvageria implendida amparava-se à piedade pelos companheiros mortos Vestia o luto chinês da purpura e, lavada em lágrimas, lavava-se em sangue.



Euclides da Cunha

Estão, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estape nua.

Nesta, ao menos, o viajante tem o desalago de um horizonte largo e a perspectiva das planícies francas.

Ao passo que o castiço e afaga; abrevia-lhe o oitar; agüde-o e estontola-o; enlaça-o na trama espinhecente e não o atrai; regula-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, insuável ao aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosas pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...

Embora esta não tenha as espécies reduzidas dos desertos - mimosas toliças ou eufórbias ásperas sobre o tapete das gramíneas murchas - e se afigure farta de vegetais distintos, as suas árvores, vistas em conjunto, parecem uma só família de poucos gêneros, quase reduzida a uma espécie invariável, divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais morrendo, quase sem troncos, em esgalhos logo ao irromper do chão. É que por um efeito explicável de adaptação às condições estreitas do meio ingrato, envolvendo penosamente em círculos estreitos, aquelas mesmo que tanto se diversificam nas matas ali se talham por um molde único. Transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência.

Seta impõe-se, tonze e inflável.

A luta pela vida que nas florestas se traduz como uma tendência irrepugnável para a luz, desatando-se os arbustos em elipses, elásticos, distensos, fugido ao alagado das sombras e alteando-se presos mais aos raios do Sol do que aos troncos seculares - ali, de todo oposta, é mais obscura, é mais original, é mais comovedora. O Sol é o inimigo que é forçoso evitar, lutar ou combater. E evitando-o presente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumeração da flora meridional, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como está, por seu turno, é áspero e duro, esalçado pelas drenagens dos pandoros ou esterilizado pela sucção dos estratos completando as insolações, entre dela moios desfavoráveis - espaços candentes e terrenos agros - as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha curda.

As leguminosas, altaneiras noutros lugares, ali se tornam anãs. Ao mesmo tempo ampliam o âmbito das frondes, alargando a superfície de contato com o ar, para a absorção dos escassos elementos nele diluídos. Atrofiam as raízes mestras batendo contra o subsolo impenetrável e substituem-nas pela expansão irradiante das radículas secundárias, ganglionando-as em turbóculos tímidos de seiva. Amoldam as folhas

Do alto da serra de Monte Santo atentando-se para a região, estendida em torno num raio de quinze léguas, nota-se, como num mapa em relevo, a sua conformação orográfica. E vê-se que as cordas de Serra ao invés de se alongarem para o nascente, medlanas aos traçados do Vaza-Barris e Itapicuru, formando-lhes o divertium aquarum, progredem para o norte.

Mostram-nos as serras Grande e do Atanásio, correndo, e a princípio distintas, uma para NO e outra para N e fundindo-se na de Acara, onde abrolham os mananciais intermitentes do Bendegó e seus tributários efêmeros. Unificadas, aliam-se às de Caraibas e do Lopea e nestas de novo se embatem, formando-se as massas do Cambalo, de onde irradiam as pequenas cadolas do Coxomongó e Calumbi, e para o noroeste os pináculos torreantes do Calpá. Obediente à mesma tendência, a do Aracoti, lançando-se a NO, à beira dos tabuleiros de Jeremoabo, progride, descontínua, naquele rumo e, depois de entalhada pelo Vaza-Barris em Cocorobó, inflete para o oeste, repartindo-se nas da Canabrava e Poço de Cima, que a prolongam. Todas traçam, afinal, elítica curva fechada ao sul por um morro, o da Favela, em torno de larga planura ondeante onde se ergia o arrabal de Camados - e daí para o norte do nevo se dispersam e descaem até acabarem em chapadas altas à borda do S. Francisco.

Deste modo, ao ascender para o norte, procurando o chapadão que o Parnaíba escava, aquela talude dos planaltos parece dobrar-se num resalto, perturbando toda a área de drenagem do S. Francisco abaixo da confluência do Patameté, num traçado de torrentes sem nome, inapreciáveis na mais favorável escala, e impondo ao Vaza-Barris um curso tortuoso do qual ele se liberta em Jeremoabo, ao infletir para a oeste.

Este é um rio sem afluentes. Falta-lhe conformidade com o declive da terra. De seus pequenas tributárias, o Bendegó e Caraibas, voltendo águas transitórias, dentro dos leitos rudemente escavados, não trazem as depressões do solo. Têm a existência fugitiva das estações chuvosas. São, antes, canais de esgotamento, abertos a esmo pelos encurros - ou coerentes velozes que, adstritas aos relevos topográficos mais próximos, estão, não raro, em desarmonia com as disposições orográficas gerais. São rios que sobem. Enchem-se de súbito; transbordam; reprofundam os leitos, anulando o obstáculo do declive geral do solo; rolam por alguns dias para o rio principal; e desaparecem, voltendo ao primitivo aspecto de valos em torcicalos, chafos de padras, e secos.



Nada se sabe ao certo sobre o papel que coube a Vicente Mendes Maciel, pai de Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), nesta luta deplorável. (...)

O filho, sob a disciplina de um pai de honradez proverbial e rígido, teve educação que de algum modo o isolou da turbulência da família, indicam-se testemunhas de vista, ainda existentes, como adolescente tranquilo e tímido, sem o entusiasmo feliz dos que seguem as primeiras escalas da vida; retraído, avesso à troça, raro deixando a casa de negócio do pai, em Quixeramobim, de todo entregue aos mistérios de calceiro consciencioso, deixando passar e desaparecer vazia a quadra triunfal dos vinte anos. (...) O certo é que falecendo aquele em 1855, vinte anos depois dos trágicos sucessos que rememoramos, Antônio Maciel prosseguiu na mesma vida correiosíssima e calma.

Arrostando com a tarefa de velar por três irmãs solteiras revelou abnegação rara. Somente depois de as ter casado procurou, por sua vez, um enlace que lhe foi nefasto.

Data daí a sua existência dramática. A mulher foi a sobrecarga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios.

A partir de 1858 todos os seus atos denotam uma transformação de caráter. Perde os hábitos sedentários. Incompatibilidades de gênio com a esposa so, o que é mais verossímil, a péssima índole deita, tomam instável a sua situação.

Em poucos anos vive em diversas vilas e povoados. Adota diversas profissões.

Nesta agitação, porém, percebe-se a luta de um caráter que se não deixa abater. Tendo ficado sem bens de fortuna, Antônio Maciel, nesta fase preparatória de sua vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova sede de residência procura logo um emprego, um meio qualquer honesto de subsistência. Em 1859, mudando-se para Sobral, emprega-se como calceiro. Demora-se, porém, pouco ali. Segue para Campo Grande, onde desempenha as funções modestas de escrivão do Juiz de Paz. Daí, sem grande demora, se desloca para Ipa. Faz-se solicitador, ou requerente no fórum.

Nata-se já em tudo isto um crescendo para profissões menos trabalhosas, exigindo cada vez menos a constância do esforço; o continuo desparar-se da disciplina primitiva, a tendência acentuada para a atividade mais irrequleta e mais estéril, o descambar para a vagabundagem franca. Ia-se lhe ao mesmo tempo, na desarmonia do lar, a antiga serenidade.

É impossível imaginar-se cavaleiro mais chucro e desleigante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e esticando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferidos e maltratados, resistentes e rígidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tarde das boladas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o camplão que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência.

Mas se uma réa afoventada envereda, esquiva, adianta, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longo, se trasmalha, cê-le em momentos transformado, cravando os alcates de rosetas largas nas fílagas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das Juremas. (...)

A sua complexão robusta osteata-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustentando-o nas rídeas improvisadas de caroiá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira - estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção - escanchado no rastio do novilho esquivo; aqui curvando-se aglissimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sola, além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, e selim - e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopessando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipais, a longa agulhada de ponta de ferro encastada em couro, que por aí só constituiria, noutras mãos, árdua obstáculo à travessia... (...)

O gaúcho do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobrevistá-lo-la comiserado.

O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos planos sem fina, afeto às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheiresca e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e escaicada. Não o entriatecem as cunhas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombroso da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravos do Equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tomando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza desoladora que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, deserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, demandando distâncias, nas pastagens planas, tendo as ombros, palpitando aos ventos, o país inseparável, como uma fleumila festivamente desdoleada.



Lampião nasceu há muitos anos, em todos os Estados do Nordeste. Não fala, está claro, no indivíduo Lampião, que não poderia nascer em muitos lugares e é pouco interessante. Pela descrição publicada vemos perfeitamente que o salteador caçuzo é um herói de arribação bastante chifrim. Zarolho, corcunda, chamboqueiro, dá impressão má.

Refiro-me ao lampionismo, e nas linhas que se seguem é conveniente que o leitor não veja aliadas a um homem só. (...)

Conhecidos dele, velhos, subiram para o Acre; outros, mais moços desceram para São Paulo. Ele não; foi ao Juazeiro, confessou-se ao Padre Cicero, pediu benção a Nossa Senhora e entrou em matar e roubar. É natural que procure o soldado que lhe pisava no pé, na feira, o delegado que lhe dava pancada, e promotor que o denunciou, o proprietário que lhe deixava a família em jejum.

Às vezes utiliza outras vítimas. Isto se dá porque precisa conservar sempre vivo o sentimento de terror que se inspira e que é a mais eficaz de suas armas.

Queima as fazendas. E ama apanhado, um bando de mulheres. Horrível. (...)

Lampião é cruel. Naturalmente. Se ele não se poupa, como pouparia os inimigos que lhe caem entre as garras? (...)

Não podemos razoavelmente esperar que ele proceda como os que têm ordenado, os que depositam dinheiro no banco, os que escrevem nos jornais e os que fazem discursos. Quando a polícia o apanhar, ele estará metido numa toca, ferido, comendo uma castanha ainda viva.

Como somos diferentes dele! Perdemos a coragem e perdemos a confiança que tínhamos em nós. Trememos diante dos professores, diante dos chefes e diante dos jornais; e se professores, chefes e jornais adoecem do fígado, não dormimos. Marcamos passo e depois ficamos em posição de sentido. (...)

Apesar de tudo, muitas vezes sentimos vergonha da nossa decadência. Elothivamente valemos pouco.

O que nos consola é a idéia de que no interior existem bandidos como Lampião. Quando descobirmos o Brasil, eles serão aproveitados.

E já agora nos trazem, em momentos de otimismo, a esperança de que não nos conservaremos sempre inúteis.

Afinal somos da mesma raça. Ou das mesmas raças.

Quando minha mãe falou em livro derritado, examinei a cicatriz do dedo e balancei a cabeça, em dúvida. (...)

- A senhora esteve lá?

Desprezou a interrogação inconveniente e prosseguiu com energia.

- Eu queria saber se a senhora tinha estado lá.

Não tinha estado, mas as coisas se passaram daquela forma e não podiam passar-se de forma diferente. Os padres ensinavam que era assim.

- Os padres estiveram lá? (...)

Minha mãe estragou a narração com uma incongruência. Assegurara que os diabos se davam bem na chama e na brasa. Desconhecia, porém, a resistência das almas suplicadas. Dissera que elas suportariam padecimentos eternos. Logo inebriara que, depois de estágio mais ou menos longo, se transformariam em diabos. Indispensável esclarecer esse ponto. Não busquei razões, bastava-me afirmações. Achava-me disposto a crer, acataria os casos extraordinários sem esforço, contanto que não houvesse neles muitas incompatibilidades. (...)

- Os padres estiveram lá? Tomei a perguntar. (...)

A resposta de minha mãe desludiu-me, embaralhou-me as idéias. E pratiquei um ato de rebeldia:

- Não há nada disso.

- Não há não. É conversa.

Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chibatadas. Não me convenci.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com Sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao Inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um socorro, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga dela era a causa única dos cascudos e puxantes de crelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles.



Graciliano Ramos

O estrangeiro que não conhecesse o Brasil e lesse um dos livros que a nossa literatura referente à seca tem produzido, literatura já bem vasta, graças a Deus, imaginaria que aquela parte da terra que vai da serra Itaipaba a Sergipe, é deserta, uma espécie de Saara.

Realmente, os nossos ficcionistas do século passado, seguindo os bons costumes de uma época de exageros, contaram tantos casos esquisitos, semearam no sertão ressequido tantas ossadas, pintaram o sol e o céu com tintas tão vermelhas, que alguns políticos, sinceramente inquietos, pensaram em transferir da região maldita para zonas amenas os restos da gente flagelada. Tiveram esta idéia feliz e depois se lembraram de contar os famintos e transportá-los. Verifico-se então que ali se apertava, em seis estados míúdos, quase um quinto da população do Brasil.



Foto



Graciliano Ramos

Aí não há o deserto, mas há muito de deserto. Na campina imensa, onde se achatam colinas baixas, a vegetação espinhosa define; os rios se infiltram na areia ou formam poços na pedra; aqui e ali surgem bebedouros de água lamacenta; e terra é dura, torrada pedregosa, varrida constantemente pelos redemoinhos.

Nesse meio agressivo os homens e os rebanhos se dizem quando há carência de pastagem. Na verdade a pastagem de ordinário não finda pelo consumo, finda pela estiagem. Rarefeita, espalhada na planície enorme, obriga os animais a percorrer distâncias consideráveis para alimentar-se. E os pastores são meio varalhados...



Graciliano Ramos

Agora Fabiano examinava o céu, a barra que tingia o nascer, e que não queria convencer-se da realidade. Procurou distinguir qualquer coisa diferente da vermelhidão que todos os dias espalava, com o coração aos baques. As mãos grossas, por baixo da aba curva do chapéu, protegiam-lhe os olhos contra a claridade e tremiam.

Os braços penderam, desanimados.

- Acabou-se.

Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremecia como se descobrisse uma coisa muito ruim.



Fabiano correu no rasto a bicheira da novilha repose. Lavava no alô um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, balçou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranqüila e marchou para casa.

Fabiano recobria na partilha a quarta parte dos bezerras e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desafiava-se dos animais, não chegava a ferrar um bozerro ou assinar orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolica, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roidas as espigas de milho, recorta à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortas. Resmungava, recingava, numa aflição, tentando espichar os recursos míngados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Acoltava o cobre e ouvia os conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

- Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanjo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encaixado, e na hora das contas davam-lhe esta maldade.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando a cintura, escolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos rebustos, que gozariam outros filhos.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, amarelado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar bichos. Precisavam ser duros, virar tabas. Se não calejassem teriam o fim de seu Tomás da holandeira. Cultado. Para que lhe servia tanto livro, tanto jornal? Morreria por causa do estômago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da holandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham a obrigação de comportar-se como gente da lala deles.

A alcançou o pátio (...)

Aquela hora Sinhá Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trepça, a sala de ranagens entalada entre as coxas, preparando a junta. Fabiano sentiu vontade de comer. Depois da comida, falarla com Sinhá Vitória e respeito da educação dos meninos.



Alcides Machado



Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo. Assim é que a velhice faz. Também, o que é que vale e o que é que não vale? Tudo. Mire veja: sabe por que é que eu não purgo remorso? Acho que o que não deixa é a minha boa memória. A luzinha dos santos-arrependidos se acende é no escuro. Mas, eu, lembro de tudo. Teve grandes ocasiões em que eu não podia proceder mal, alodas que quisesse. Por que? Deus vem, guia a gente por uma légua, depois larga. Então, tudo resta pior do que era antes. Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas pirdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere.

A cantiga do CANTADOR:

Burli minha palmeira,
nas estradas de Pampú -
me contou o seu segredo:
quer o brejo e quer o céu...

O vaqueiro Tadeu: Ele era para espantos. Endividade de ambição, endoldecido de querer ir arriba. A gente pode colher mesmo antes de semear: ele queria sopenhar que tudo era dele... Não esbarrava de amaldiçoado, mas, em qualquer lugar que estivesse, era como se tivesse medo de espiar pra trás. Arou, respirou muito, mordeu no couro-erú, arrancou pedaços do chão com seus braços. Mas, primeiro, Deus desbrou, e remarcou para ele toda sorte de ganho e acrescentos de dinheiro. Do jeito, não teve tarde em fazer cabeça e vir a estado. Tinha de ser dono. Vocês sabem, sabem: ele era assim.

O vaqueiro Doim: Cara-de-Bronze...

Jú Assunio Fliáso: Deve de ser tíção de homem...?

Dizia o que dizia, apontava à árvore: - Quantas mangas perfaz uma mangueira, enquanto vive? - Jato, apenas. Mas, qualquer mangueira em si traz, em caroço, o maquinário de outra mangueira igualzinha, do obrígado tamanho e formato. Milhões, bis, tris, M sei, haja números para o infinito. E cada mangueira dessas, e pôr diante, as corações-de-bol, sempre total svo e cálcio, semente, polpas, sua carne de prosegul, ferrenbeninas. Tio Cândido aitava-a valientemente, visse Deus a nu, vulto. A mangueira, e nós, circunseqüentes. Via os peitos da Estíngy.

Dai, um dia, deu-me incubância:

- Tem-se de redigir um abreviado de tudo.

Ando a ver. O caracol sai ao arredol. A cobra se concebe curva, o mar barulha de ira e de noite. Tomo igualmente angústias e delícias. Nunca entendi o bocejo e o pôr-do-sol. Por absurdo que pareça, a gente nasce, vive, morre. Tudo se finge, primeiro; germina autêntico e depois. Um escrito, será que basta? Meu devotar é uma petição de male certeza.



Almeida Salbanti



Guimarães Rosa

Nove horas e trinta. Um cineiro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção. Patas em marcha matemática, andar consciencioso e macio, ele chega, de sobremão. Para, no lugar justo onde tem de parar, e fecha imediatamente os olhos. Só depois é que o menino, que estava esperando, de cócoras, grita: - "Isia!" - e pega-lhe na rédea e o faz volver esquerda, e recuar cinco passadas. Pronto. O preto desaferra o talpa da traseira, e a terra vai caindo para o barranco. Os outros ajudam, com as pás. Seis minutos: o burrinho abre os olhos. O preto toma a apurar o tabuleiro no eixo, e ergue o tampo do trás. O menino toma a pegar na rédea: direita, volver! Agora nem é preciso comandar: - "Vamoal!" - porque o burrinho já saiu no mesmo passo, em rumo reto; e as rodas cobrem sempre os mesmos sulcos rechão. (...)

No corte, a turma do seu Marra bato rijo, de picareta, atacando o paredão pedrente a brutalidade cinzenta do gneis. Bom trecho, pola, remunerador. Acolá, a turma dos espanhóis covoca a terra mole, isto talcoso e micaxóito; e o chefe Garcia está irritado, porque, por causa disso, vão receber muma, por metro quadrado e metro cúbico. Adianta, uns homens colocando os paus do mata-buro. Essa outra gente, à beira, não tem conosco: serviço particular de seu Remiglo, dono das terras, que achou e está explorando uma jazida de amianto. E, mais adiante, o pessoal do Ludugéro, acabando de armar as longarinas da ponte.

Mas o redentorista bradava a fé, despejada, glosava os fortísimos do Evangelho. Informou: - "Os passarinhos! - não coíhem, nem apalham, nem plantam, pola é... Deus cuida deles". Em fato, o estrangolo mareteou: - "Vocês sendo não sendo mais valentes que os pássaros?!"

Deu em Gedeão - o que ouvia em cochilo - por isso mesmo regalavras, com ponta, o para se fechar na lábia; fustado estava.

Solerio semelhante, o estilo dos pássaros... sem semelo, calta, atulho? tae incumbiu-o. lpaiverbal, a leducatura. Sacudiu-se; qualquer luz é sempre nova. Se benzeu e saiu, já de espírito pleno: reunida a família, endireitou-a para casa. Sabá, o João-tole, alma de gato, gavião... em todo o volume de sua cabeça. Desagachou-se.

Sentou-se com totalidade. Fez declarado o voto, como quem faz bodeque ou um dique: - "Vou trabalhar mais não." Sério como um cavalo de circo, cruzou as pernas e braços. Escutavam-no consternados.

O que, raro, foi Gedeão, em encasquepo, alforriara-se do braçal. Impostaria. Ou o empaque: por rija fadigas, duro jugo. Era loucura e tanta invalidava-se - o que importava miséria. Falaram do caso; havendo o do que se falar, já vinham lá os amigos-de-í.



Guimarães Rosa



Guimarães Rosa



Original manuscrito de Segredo

Dormiu-se bem. De manhãm - moai de aves e pássaros em revbo, e pios e cantos - a gente toda discorria, se esparramava, atarefados, ajudando para o derradeiro. Os bogis de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos. Também tínhamos trazido jumentos, só medo para carregar. Os cavalos ainda pastavam um pouco, do capim-grama, que tapava os pés deles. Se dizia muita alegria. Cada um pegava também sua cabeça d'água, e na capanga o diário de se valer com o que comer - paçoca. Madalro Vaz, depois de não dizer nada, deu ordem de segulda. Primeiro, para adiante, foi uma turma de cinco homens, a patrulhazinha. Constante que com a gente estavam três bons rastreadores - Suzarte, Joaquim Belji e Tipote - esse Tipote sabia meios de descobrir cacimbas e grotas com o bovível, e Suzarte desempenhava um fare de cachorro-mestre, e Joaquim Belji conhecia cada recanto dos gerais, do dia e de noite, referidos delectroado, quisessem podia mapear planta. Saímos, semoventes. Seis novilhas gordas a gente repontava, serviam para se carrear em rota. De repente, com a gente e afastando, os pássaros todos voltavam do céu, que desciam para seus lugares, em ponto, nas frescas beiras da lagoa - ah, a papeagem no burrital, que lequesiqueia. A ver, e o sol, em polo de avança, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela grandidade. Dia decaído.